COMA

Rodolfo Padavona

À
todos
que
acreditam
na
possibilidade...

Prefácio

Este livro vem com a idéia de enfatizar o sonho. Mostrar que as pessoas sempre sonham, embora muitas vezes não se lembram.

Através de uma ficção simbólica, levantar a questão de que o sonho possa ser mera fantasia ou uma outra realidade.

A idéia deste livro veio depois que li a respeito da possibilidade de uma alma vivenciar aventuras, durante a madrugada, no plano astral, embora não seja exatamente, aqui, o caso.

O caso, aqui, é o de mostrar que uma pessoa sonhando, viva outras realidades. E é feito através do COMA.

Para finalizar, não importa, aqui, a questão: se uma pessoa em *coma*, possua atividades mentais; se está apta a sonhar ou não.

O AUTOR

Existem bons argumentos,
De que o *coma* revela momentos.
Momentos de aviso Divino.
A morte vem avisar. Sino!

A pessoa se desespera,
Porque o outro lado a espera.
Ela quer fugir dali angustiamente.
Sua cabeça gira continuamente.

Mas a Dona diz e vem!?
Não adianta mais espernear.
Em volta já não há ninguém.
E' o corpo ali a deitar.

Quem conhecíamos já se foi.
E ficou o instrumento
Que não mais se dói,
Porque se deu o último alento.

Ao abrir a porta eufórico, dei de cara com um corredor. Olhando em volta, pude ver quadros na parede, três portas à minha esquerda: uma na mesma parede da porta que abri, outra na parede da frente e outra no fim do corredor. E à minha direita parecia ter uma saleta, onde vi o pedaço de um sofá (ali onde eu estava só deu para ver um pedaço), uma mesa com cadeiras, um ambiente de sala residencial. “Que estranho!”, pensei comigo. Então olhei para trás. Eu havia saído de um banheiro. Mas como?

Curioso, comecei a andar pelo local. Das três portas à esquerda, só a do fim do corredor é que não estava bagunçada, com caixas, papéis e coisas em fora de uso. Nela encontrei um quarto. Aliás, o meu quarto! Percebi quando vi fotos minhas em cima da cabeceira. Tudo ali era do meu gosto, de alguma maneira combinavam comigo.

Na sala que havia avistado, vi também fotos, cd’s, tudo de meu gosto. Já estava começando a ficar tudo muito estranho, e quando cheguei até a cortina e abri, vi uma sacada de apartamento. Aliás, já havia desconfiado.

- Estou num apartamento, que ainda por cima é meu? Muito bom, não pode ser – disse, passando as mãos no rosto.

Sentei um pouco no sofá. “Acho que vou dar uma arejada”, pensei. Peguei as chaves que estavam sobre a mesa. A porta de saída estava na minha frente, logo no fim de um pequeno corredor. Ia saindo quando vi uma abertura à direita, era uma cozinha. Enfim, já estava cheio de tudo aquilo e atravessei a porta para fora do apartamento de uma vez.

Logo mais estava na portaria. O porteiro me conhecia, claro!

- Saindo sem carro hoje? – perguntou ele.

- Carro? – falei baixinho.

- Tenha um bom dia! – finalizou ele.

Acenei com mão e segui meu caminho. Aliás, que caminho? Acabei de sair de um prédio que nunca vi na vida. Agora estou seguindo meu caminho... caminho esse que vai dar onde?

Andava na calçada pensando o que eu faria dali para frente. A rua estava tranqüila, sem muita movimentação e provavelmente ainda fosse antes do almoço (imaginei, pois estava sem relógio). De súbito, dei de cara com três rapazes, que vi de repente, porque andava olhando para o chão. Um tinha o cabelo tigelinha, o outro era bigodudo e o último moreno (não chegava o ser negro, apenas possuía traços, lembrava um). Eles me pressionaram contra a parede.